

Roberta Barbosa de Moraes Braga

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial de avaliação para a conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Pará de Minas - FAPAM.

Orientadora: Vanessa Faria Viana

Pará de Minas

2015

Roberta Barbosa de Moraes Braga

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial de avaliação para a conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Pará de Minas - FAPAM.

Aprovada em: ____/____/____

Prof. Orientadora: Vanessa Faria Viana

Examinador

RESUMO

O presente trabalho tem como tema A importância dos contos de fadas na educação infantil e, para abordá-lo foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o papel que os contos desempenham no desenvolvimento social e cognitivo da criança. Os contos têm papel de destaque na literatura, pois sempre estiveram presentes na educação infantil, tanto em casa quanto na escola. Porém, eles têm um objetivo muito maior do que simplesmente distrair as crianças: os contos têm ligação direta com o ensino-aprendizagem, tanto relacionado à escola quanto à própria vida. Através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Contos. Ensino-aprendizagem. Problemas interiores. Soluções.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA....	6
2.1 A literatura infantil brasileira.....	8
2.2 Aspectos atuais da literatura infantil no Brasil.	14
3. CONTOS DE FADAS	18
3.1 A importância dos contos de fadas na educação da criança	21
3.2 Aspectos positivos e negativos dos contos de fadas	24
4 METODOLOGIA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

Teria a literatura o poder de influenciar a formação de crianças?

Este trabalho trata da importância da literatura infantil para a formação da criança, citando obras de diversos autores brasileiros como Monteiro Lobato, Ruth Rocha, entre outros, que se especificaram neste ramo da literatura para se ter hoje muitos títulos voltados à literatura infanto-juvenil.

Através de revisão bibliográfica, atenta-se à literatura infantil com o histórico cronológico desde a antiguidade até a realidade atual, visando refletir sobre importância da literatura infantil na formação das crianças.

Existem, no âmbito da literatura voltada pra crianças, diversos subgrupos. Os contos de fadas, as fábulas, as histórias em quadrinhos e até mesmo os livros pedagógicos, voltados a professores e alunos na sala de aula. Este trabalho aponta de forma mais detalhada os contos de fadas, suas modificações ao longo do tempo, seus aspectos positivos e negativos no desenvolvimento da criança, as diferenças entre os diversos tipos de contos de fadas e seu poder terapêutico.

Os contos de fadas e outras categorias lúdicas e fantasiosas incluem, em seus textos, elementos mágicos que despertam a curiosidade da criança para o mundo literário fazendo com que o hábito da leitura seja adquirido através de boas experiências literárias e têm comprovada influência e relevância na infância, também na contemporaneidade.

Os capítulos que compõem esta monografia apresentam-se, quanto à distribuição de conteúdos da seguinte maneira: no segundo capítulo é apresentado A importância da literatura infantil para a formação da criança, enfatizando a literatura infantil brasileira e os aspectos atuais da literatura infantil no Brasil. No terceiro capítulo apresenta-se a importância dos contos de fadas na educação da criança, seus aspectos positivos e negativos. O quinto capítulo destina-se à metodologia aplicada na pesquisa em forma de questionário. A conclusão é seguida das referências bibliográficas e apêndice.

2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

A literatura de um povo ou de uma civilização é um reflexo de sua cultura, de suas tradições e de seu modo de enxergar o mundo, da mesma forma que cada indivíduo possui sua própria personalidade e sua maneira de pensar.

Ela apresenta diversas informações de antigas épocas, trazendo consigo diferentes estilos de vida, criações, teorias e imensuráveis outras riquezas que permitem cada vez mais a evolução e que passem sempre as informações às gerações seguintes.

Magalhães (2014) dá devida importância à prática de se documentar informações importantes e de valorizar a literatura passada de tempos em tempos, em meio a guerras, crises e decadências de impérios.

Nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence. A glória de uma nação que existe ou que já existiu não é senão o reflexo da glória de seus grandes homens. De toda a antiga grandeza da pátria dos Cíceros e dos Virgílios apenas nos restam suas imortais obras e essas ruínas que tanto atraem os olhos do estrangeiro e no meio das quais a moderna Roma se levanta e se enche de orgulho. (MAGALHÃES, 2014, p.5).

Com essa citação, percebe-se a importância que deve ser dada à literatura de um povo ou de uma civilização e o peso que ela traz para o desenvolvimento da literatura atual. Tornou-se importante documentar e registrar os acontecimentos, a fim de evoluir a cadeia de conhecimentos e passá-la para as gerações futuras, visando que não há um momento que determine a passagem exata de uma época para outra e impedindo que essa evolução da maneira de pensar e agir passasse despercebida.

A literatura é definida, normalmente, como um aspecto de uso especial da linguagem para trazer algum conhecimento histórico ou fantasioso a uma cultura. Por esse ângulo, entende-se a literatura mais como uma classificação linguística do que como uma expressão cultural, o que não é verdade já que suas obras literárias são ricas em conteúdo lúdico, artístico e informativo.

Sabe-se que a responsabilidade de influência literária para o público infantil não é da criança, e sim dos adultos, uma vez que ela deve ser estimulada por eles para despertar tal interesse.

A literatura incorporou caráter pedagógico e com fins educativos voltados para o público infantil a partir do século XVII. Azevedo (2001) afirma que nessa época ocorreu uma reorganização do ensino e houve a fundação do sistema educacional burguês. Como não havia materiais educativos, livros, nem histórias voltados para as crianças, pois elas participavam, desde a tenra idade, da vida adulta, percebeu-se, a necessidade de passar conhecimento de uma forma pedagogicamente mais lúdica, com jogos de palavras, rimas, entre outras atividades, o que despertaria mais o interesse dos pequenos, originando, assim, a literatura infantil.

Desde sua criação até os dias de hoje, podem-se observar vários objetivos contidos na categoria literária, entre eles: o discernimento do certo e errado, que transmite sempre a moral da história baseada em normas sociais básicas, ou em alguma filosofia de vida; o “transporte” de cultura, fatos e tradições de uma época, ou simples histórias de personagens trabalhadas cuidadosamente com características boas e ruins, despertando a visão crítica do leitor.

Segundo Mesquita (2006),

Todo o livro deve proporcionar uma aproximação entre o autor e o leitor, possibilitando a vantagem de trabalhar a linguagem e a produção literária. Aliás, ao desenvolver a reflexão e o espírito crítico, a leitura ajuda, categoricamente, a superar o vazio na formação do ser humano, isto é, a leitura facilita o crescimento interior do indivíduo. Os livros têm a função fundamental de formar o imaginário da criança, dar-lhe oportunidade de viajar por mundos mal conhecidos ou mesmo desconhecidos. (MESQUITA, 2006, p. 8).

Peruzzo (2011), diz que é de responsabilidade do leitor adulto mostrar à criança como os escritos que circulam no seu cotidiano podem ser utilizados a fim de que ela compreenda seus sentidos. A criança só é capaz de compartilhar deste mundo quando compreende o seu significado. Isso faz com que ela descubra a diferença entre a fala e a escrita, ambos necessários para a aprendizagem inicial da leitura.

A escola ainda continua sendo o melhor local para se formar leitores, mas algumas estratégias de incentivo devem ser adotadas pela sociedade, a favor da evolução da aprendizagem das crianças, pelo governo, perante a questão de investimento de fundos para educação e valorização dos educadores, e também pela família.

Não é uma tarefa exclusiva da escola, nem da família, e sim um incentivo coletivo, formar uma criança leitora através de conteúdos adequados que despertam nela o interesse para a literatura, a fim de desenvolver sua imaginação e criatividade, contribuindo assim para a formação do caráter do indivíduo, desde cedo despertando um adulto culto.

Nos dias atuais, é com grande facilidade que se consegue ter acesso à literatura infantil. Desde muito tempo, autores, vez ou outra, voltavam seus olhos para a publicação de conteúdos infanto-juvenil e criavam obras que até hoje são referências nacionais. Contudo, deve-se valorizar a literatura infantil e incentivar futuras gerações, desde o período infantil, a cultivar o hábito da leitura, criando assim jovens com mais curiosidade pela literatura em geral e estimulando também possíveis futuras contribuições para a literatura nacional.

Os contos de fadas e outras categorias lúdicas e fantasiosas incluem, em seus textos, elementos mágicos como poderes, heróis, saga de personagens à procura de algum tesouro intelectual ou material e demais tipos de elementos. A inclusão desses elementos procura despertar a curiosidade da criança para o mundo literário fazendo com que o hábito da leitura seja adquirido através de boas experiências literárias, que contendo um rico repertório de palavras, levam conhecimento para o público-alvo.

2.1 A literatura infantil brasileira

O Brasil, assim como qualquer outro país, também tem a sua literatura e sua evolução com o passar das décadas. Vários nomes consagrados entram para lista de colaboradores dessa evolução.

Pelo fato de o Brasil ter sido colonizado pelos portugueses, a literatura sofreu influências europeias, porém, há o que foi criado e evoluído aqui.

O que mudou na literatura infantil e juvenil dos anos 1970/1980 até hoje? Que tendências se consolidaram? Quais desapareceram, ou ficaram esquecidas? Quais estão sendo revitalizadas na contemporaneidade? Historicamente, quase 40 anos pode não ser tempo suficiente para diagnosticar e precisar as transformações desse período, mas, é possível demarcar as trajetórias e, numa perspectiva da crítica literária, estabelecer as tendências da literatura infantil e juvenil produzida no Brasil.(TURCHI, 2009, p.3).

Há uma oscilação histórica referente ao processo de produção de obras literárias infantis que é relativamente recente em nosso país, tendo seu início na era em que a emancipação do Brasil como país independente era esperada. Com a proclamação da independência, em 1822, o Brasil passou por um período de patriotismo com o intuito de começar um Estado novo, sem admitir influências estrangeiras desligando-se culturalmente por questões políticas da Europa Ocidental e do resto do mundo. O Brasil queria ser reconhecido pela sua própria cultura, o que é esperado, uma vez que a cultura de um país europeu, não condiz com a cultura de um país como o Brasil, onde até o clima tropical exemplifica as diferenças entre os estilos de vida e culturais.

Pôs-se então o objetivo de criar a própria cultura, as próprias literaturas, músicas e identidade. Nascem, assim, todas as ideias que vieram a se tornar projeto cultural com todas as importantes expressões.

Entretanto, a sociedade brasileira daquela época, afetada pela mistura entre famílias vindas de Portugal e nativos, se deu em certa confusão, como ressalta Cândido (1999) quando diz que a sociedade colonial brasileira não foi um prolongamento das culturas locais, mais ou menos destruídas, mas foi a transposição das leis, dos costumes e do equipamento espiritual das metrópoles. A partir dessa diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais formou-se a sociedade brasileira, que viveu, desde cedo, a difícil situação de contato entre formas primitivas e formas avançadas, vida rude e vida requintada. Assim, a literatura não nasceu aqui, veio pronta de fora para transformar-se à medida que se formava uma sociedade nova.

Restava então, desenvolver uma cultura condizente com a realidade do povo daquela época, adaptando-se à realidade de trabalhadores, escravos, realeza e igreja. A dificuldade que os escritores daquela época enfrentaram era encontrar um público-alvo para suas obras, uma vez que o escravo não tinha dinheiro, tampouco liberdade para a educação ou para a literatura, como um interesse complementar ou lúdico, no sentido de distração ou lazer. O clérigo tinha sua literatura própria. Já a realeza possuía dinheiro e um bem-estar digno de uma boa educação, portanto os filhos das famílias reais foram os primeiros leitores desses escritores.

Acredita-se que Contos da Carochinha tenha sido o primeiro livro para crianças publicado no Brasil, em 1896. Consistia em uma coletânea de contos

populares, traduzidos e adaptados, de Perrault, Grimm e Andersen, sob a responsabilidade da editora Quaresma, a pioneira em editar livros infantis no país. A coletânea, organizada por Figueiredo Pimentel, conta com sessenta e um contos populares, morais e proveitosos.

As origens da literatura infantil brasileira são definidas pela autora Mortattin (2001), quando diz que elas se encontram, sobretudo na literatura didático-escolar, que, entre o final do século XIX, começou a ser produzida de maneira sistemática por professores brasileiros, com a finalidade de ensinar às crianças, de maneira agradável, valores morais e sociais, assim como padrões de conduta relacionados com a inserção de uma cultura escolar urbana e necessária do ponto de vista de um modelo republicano de instrução do povo.

Ainda de acordo com a mesma autora, essa situação foi modificada apenas na década de 1920, com a produção do escritor Monteiro Lobato. Ele traz consigo a ideia de uma literatura voltada especialmente para as crianças, a fim de entreter-lhes e proporcionar-lhes prazer através da leitura, especialmente com a publicação, em 1921, de *Narizinho Arrebitado*, quando, articuladamente à expansão e solidificação do mercado editorial, tem início um processo de autonomização da literatura infantil em relação a suas origens didático-escolares. Sobretudo, a partir dos anos de 1970, com a expansão da produção de livros para crianças e jovens, tem-se a consolidação da tendência estética da literatura infantil brasileira.

A literatura infantil brasileira não se difere das demais. A grande maioria apresenta conteúdo lúdico, fantasioso, buscando sempre atrair a atenção das crianças e estimulando a imaginação fazendo com que viajem através da leitura. Entretanto, quando se trata de literatura infantil focada na realidade, geralmente as obras buscam de certa forma, lhes mostrar o sistema de valores sociais aceitos e não aceitos pela sociedade. Encaixa-se aí a moral da história.

Gouvêa (2005) chama a atenção para a literatura, como ferramenta de ensino e criação de sistema de valores, funciona perfeitamente bem, porém quando utilizada de forma desrespeitosa também funciona. De um lado, temos formadores de opinião, de outro temos crianças em desenvolvimento que experimentam e formam conceito sobre o que aprendem, de maneira que o autor pode sutilmente criar um conceito equivocado ou desrespeitoso em relação a algum assunto específico e influenciar os leitores a pensarem da mesma forma.

Em contrapartida, temos, na evolução da literatura infantil brasileira, excelentes escritores que fizeram obras, as quais inspiraram vários outros que sempre buscaram proporcionar diversão e prazer às crianças através da leitura. Autores como Carlos Janssen (Contos seletos das mil e uma noites), Figueiredo Pimentel (Contos da Carochinha), Coelho Neto, Olavo Bilac, Tales de Andrade e aquele que é tido como o marco do início da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato, fazem parte dos renomados autores brasileiros que dedicaram grande parte de suas obras à criação e desenvolvimento de um estilo literário que viria para despertar o mercado editorial à seção infantil.

Segundo Ribeiro (2005), a variedade de temas de estudos e publicações folclóricas na história da literatura brasileira era grande e várias áreas eram abordadas. Os autores tinham, entre seus objetivos, reproduzir, ampliar e publicar as lendas e contos do povo brasileiro, a fim de representar sua vida íntima e política, contextualizando as mudanças culturais do povo brasileiro, expondo uma perspectiva diferente de uma maneira fiel. As inspirações geralmente vinham de pesquisas culturais, ocorridas naquela época, realizada pelos autores em todo o Brasil. Afinal, a cultura brasileira seria a base para obras de qualquer estilo literário.

Caldin (2001), em seu texto trata de historiar a literatura infantil brasileira de 1930 a 1970, dizendo que nos anos 1930 presenciou-se um antagonismo entre realismo e fantasia, em que surgem, paralelamente, os contos maravilhosos e as experiências cotidianas. As histórias em quadrinhos explodiram na década de 1940, com heróis importados, configurando-se como uma literatura voltada para os meninos e sua sede de aventuras. As meninas ganharam uma literatura diferenciada, impregnada de romantismo, com as coleções traduzidas de histórias de amor, com moças frágeis, dóceis e gentis.

Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 1970, com o *boom* da literatura infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo. (Caldin, 2001).

A autora Turchi (2009) retrata a história da literatura infantil brasileira após 1970. Segundo ela, na trajetória da literatura para crianças e jovens no Brasil, até a

década de 1970, tem-se a obra original, consistente e ainda atual de Monteiro Lobato. Não se pode falar de literatura infantil e juvenil brasileira como sistema de obras e conjunto de autores com uma produção estética regular destinada a eles. A precariedade do gênero manifestava-se, principalmente, no descontínuo da qualidade estética dos textos e na construção literária condicionada a um horizonte de dominação entre autor–texto–leitor. Monteiro Lobato, portanto, promove a renovação do gênero e estabelece as bases de um projeto estético para a literatura destinada a crianças e jovens no Brasil.

Incontáveis obras literárias infantis foram criadas por Monteiro Lobato, sempre expressando o seu grande talento como escritor, criando mundos e seres imaginários, através das aventuras de seus personagens que sempre instigam a imaginação das crianças que têm contato com suas obras.

A já citada autora (2009) continua sua retratação, afirmando que

[...] a partir dos anos 70, a literatura infantil e juvenil inaugura um período extremamente fértil no Brasil. As obras podem ser agrupadas em tendências temático-estilísticas, construindo uma história do gênero que reflete o momento histórico social brasileiro e a situação do leitor por meio de um projeto estético ousado e criativo. Aparecem nomes que ainda hoje continuam a publicar, com sucesso, obras para crianças e jovens, entre vários outros, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, João Carlos Marinho, reatando as pontas com a tradição lobatiana por novas vias que contemplam a crítica social, o humor, o suspense, a aventura da linguagem. (TURCHI, 2009, p.98.).

Os autores citados acima por Turchi são renomados dentro e fora do Brasil, alguns deles indicados, e premiados, diversas vezes, em importantes prêmios internacionais de literatura, como o prêmio *Hans Christian Andersen*, espécie de *Nobel* dos livros para crianças.

Turchi (2009) avança em seu relato histórico dizendo que a renovação da literatura infantil brasileira, que ocorre especialmente nos anos de 1970, na trilha de Lobato, vai se consolidando, nas décadas seguintes, com um projeto estético que valoriza o diálogo entre texto, ilustração e aspectos gráficos, num processo de coautoria. As narrativas se caracterizam pela presença do humor e da irreverência, da aventura, do suspense e da temática do cotidiano. Há um aprofundamento estético no texto literário, seja na construção da voz narrativa que procura estabelecer pontes entre a perspectiva do adulto e a da criança; seja na manifestação, nas obras, de um apelo à imaginação e um incentivo à construção de um leitor crítico. A poesia infantil também se insere nesse cenário.

Lajolo e Zilberman (1984) apresentam os escritores e as tendências atuais, considerando como atual a década de 1980. As tendências apresentadas pelas autoras incluem a crítica à sociedade brasileira, principalmente através da miséria e do sofrimento infantil, numa representação realista do contexto social; a imagem exemplar da criança obediente e passiva é suplantada pela criança capaz de rebeldia, de ruptura com a normatização do mundo dos adultos na busca da liberdade de expressão e pensamento, sendo essa uma forte tendência dos anos 1970/1980, especialmente com as histórias de Ruth Rocha e Ana Maria Machado; e a valorização da criatividade e da capacidade infantil de inventar, imaginar novas realidades, deslocar as verdades cristalizadas ou estereotipadas.

Turchi (2009), após uma breve reflexão das décadas de 1970 e 1980, chega ao panorama mais atual da produção literária contemporânea.

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos. (TURCHI, 2009. p.14).

Caldin (2001) relata que, nos anos 1980 e 1990, a Literatura Infantil sofreu profundas modificações. De segura, passa a crítica e questionadora. Os textos começaram a apresentar os conflitos entre a criança e o mundo, o lúdico foi valorizado. A ilustração ganhou o mesmo espaço que a escritura. Ainda segundo a autora, pode-se dizer que a década de 1990 representou um período de maturidade para a literatura infantil brasileira, com textos não mais preocupados apenas com os aspectos formativo e informativo, mas também, e, principalmente, apresentando uma proposta estética e cultural.

De acordo com Britto (2007), nos anos 1990 houve uma melhoria na qualidade dos títulos lançados no mercado, mas por outro lado as obras, apesar de mais bem elaboradas, deixaram a desejar no quesito inovação. O mercado editorial não estava disposto a apostar em títulos que tivessem pouca probabilidade de aprovação no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE/99) do Governo Federal, que distribuía livros gratuitamente aos alunos das escolas públicas. A

instabilidade econômica e política no Brasil, principalmente nos primeiros anos da década, refletiram no setor, e a consequência disso foi um mercado conservador e temeroso. Dessa década, pode-se ressaltar a aparição da escritora Ruth Quintella como um divisor de águas. Ela é um marco na literatura infantil alagoana e brasileira, autora de dez obras literárias infantis, ilustradora e contadora de histórias e ainda está em plena atividade. O conjunto de sua obra inaugura e melhor representa a fase contemporânea de nossa literatura infantil. Apesar dos cabelos brancos e do corpo franzino, ela vive numa inquietude permanente, utilizando a experiência adquirida ao longo do tempo como professora para disseminar o prazer de ler, assumindo, simultaneamente, os papéis de autora, com mais de dez títulos publicados. É também ilustradora e semanalmente recebe crianças de um projeto social próprio, para assumir seu outro papel, o de contadora de histórias.

2.2 Aspectos atuais da literatura infantil no Brasil.

Há na literatura poucos estudos que retratam a atualidade da literatura infantil brasileira, portanto há poucos dados que demonstrem as atuais tendências ou qual é o cenário atual dessa parcela literária. Tratando-se de crianças, futuras leitoras, é de suma importância que se preze pela educação literária, pelo conteúdo do que é lido por elas.

Segundo Turchi (2009), a forte presença de imagens poéticas na narrativa, aliada aos processos de simbolização, constitui uma expressão artística recorrente na contemporaneidade, amplamente valorizada pela crítica. Como o livro *O Jogo de Amarelinha*, outras obras, também premiadas, se inserem na perspectiva da fusão da poesia e do jogo na construção da narrativa. Nesse âmbito, têm-se obras premiadas na Categoria Infantil do V Concurso CEPE de Literatura Infantil e Juvenil (2015). São elas *Bus, Simplesmente Diferente*, de Jorge Wellington Corrêa Quadros, do Pará (1º lugar); *Ventania Braba*, de Nelson Luiz Garcia de Oliveira, de São Paulo (2º lugar); e *A História de Uma Boca*, de Ana Valéria Fink, da Bahia (3º lugar).

O caminho aberto por Ziraldo, a tendência mais forte da literatura infantil na atualidade, manifesta-se no cruzamento de várias linguagens, vários códigos, vários gêneros textuais.

Essa multiplicidade de dimensões artísticas presentes na obra literária para crianças, se por um lado representa a sua especificidade estética e a qualifica, por outro, muitas vezes, tem resultado em produtos com alta qualidade editorial e gráfica, nos quais o texto verbal é negligenciado. (Turchi, 2009).

Percebe-se que a literatura infantil brasileira é bastante diversificada, tem fortes raízes no folclore e culturas nacionais, conta atualmente com escritores e ilustradores premiados e reconhecidos pelo mundo afora e projetos gráficos que, juntos, ainda não garantem a qualidade e diversidade da produção editorial da literatura infantil brasileira.

Concordando com Turchi (2009), em grande parte das obras publicadas, o que se percebe é que há uma ilustração e um projeto gráfico de muita qualidade contrapondo-se a uma narrativa ruim. A perda da cena performática, que traz a inscrição da voz no texto escrito, torna as narrativas enfadonhas, artificiais, distantes de sua marca primordial da oralidade. Na era do virtual e da imagem é no apelo visual que o mercado editorial aposta. Nem por isso, contudo, a literatura infantil, pode esquecer a sua natureza literária. As várias linguagens na obra infantil devem promover um diálogo em plena igualdade de qualidade estética.

De acordo com Azevedo (2000),

Foram produzidos no último ano cerca de 68 milhões de livros de literatura infantil e juvenil, 17% de um mercado de 400 milhões de livros. Sabemos que essa produção não seria tão expressiva se não fossem as adoções escolares. De norte a sul do país, escolas têm adotado livros de literatura para serem lidos em classe, tendo como objetivo, entre outros, formar leitores. Como no Brasil existem menos de 3.000 livrarias, ou seja, em tese, uma livraria para cada grupo de 56 mil pessoas, fica evidente que se não fosse a atuação das escolas, a produção de livros seria reduzida dramaticamente. (AZEVEDO, 2000. p. 11).

Fica evidenciada a importância atual da escola para a literatura infanto-juvenil e para a formação de jovens leitores. É na escola que a maioria das crianças tem acesso aos livros. De acordo com Azevedo (2000) deve-se considerar o desequilíbrio social no Brasil, o que torna a formação leitores um imenso desafio. A maioria das crianças quando retornam para casa, não têm com quem discutir suas lições. E, talvez, nem mesmo espaço, uma vez que suas casas, muitas vezes de um único cômodo, não costumam possibilitar o isolamento mínimo que a leitura requer. Ainda segundo o autor supracitado, boa parte das crianças que têm chance de ir à

escola não tem dinheiro para comprar livros e só têm acesso a livros fornecidos gratuitamente pelas bibliotecas das escolas públicas.

É importante ressaltar que, sendo a escola o principal comprador das edições literárias, corre-se o risco de ocorrer uma adequação do que é produzido para ser aceito nas escolas, quando, segundo Azevedo (2000) faz sentido imaginar que livros didáticos sejam produzidos de forma a atender aos programas educacionais, mas o mesmo não ocorre com a literatura, pois, cabe a ela trazer para dentro da escola o novo ponto de vista, a forma de dizer original, o estranhamento, o que ainda não havia sido pensado.

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos. Com novas configurações, essa tendência parece sobreviver aos anos e continuar mobilizando criativamente os escritores. Com isso também, se podemos dizer que há os protótipos criativos, com uma estética inovadora, há também os estereótipos que apenas multiplicam os títulos nos catálogos editoriais, mas nada acrescentam no contexto da literatura infantil. (TURCHI, 2009. p.8).

Como mencionada pela autora, mesmo na atualidade, com todos os recursos tecnológicos, o que se tem feito basicamente são atualizações e releituras das histórias que são contadas às crianças há décadas. Há de se pensar que o hábito da leitura é de grande importância, mas o conteúdo da leitura é de importância similar. Mas, ainda concordando com Turchi (2009), por outro lado, a aposta do mercado editorial em um projeto gráfico e em uma ilustração de qualidade transforma efetivamente esse produto cultural, que é a literatura infantil, dando a ela novas configurações em novas dimensões.

Segundo Silva (2009),

[...] se admitirmos que a leitura literária, além de constituir um agradável passatempo, também contribui para desenvolver as potencialidades do leitor e para torná-lo um cidadão mais consciente, chegaremos à conclusão de que ler é importante. Mais, que é fundamental que os títulos sejam relevantes, representativos da herança cultural e artística que a literatura representa. Ler vale a pena – esta é a premissa que deve nortear as ações de todo e qualquer promotor de leitura, seja ele um professor, pai, recriador, contador de histórias, ou apenas um amigo. Daí a importância, para a escola, dos acervos selecionados por profissionais competentes e que compõem

os diversos programas governamentais de promoção da leitura. (SILVA, 2009, p.182).

Outro ponto levantado por Azevedo (2000) é que as escolas brasileiras, excetuando-se as exceções de praxe, que por sorte existem, infelizmente não estão preparadas para lidar com a literatura e acabam transformando o que deveria ser uma leitura intuitiva, pessoal, prazerosa, livre, emocional, um contato espontâneo com o discurso poético e com a ficção em uma atividade didática, compulsória, impessoal e utilitária. O que ocorre é uma leitura para ser avaliada através de critérios desejáveis às matérias informativas, mas estranhos à literatura. Uma leitura com perguntas cujas respostas já estão pré-determinadas nas fichas preparadas por editoras e professores. Uma abordagem unicamente utilitária de um texto literário não é adequada, nem vai contribuir na formação de nenhum leitor.

Para encerrar, alguns aspectos negativos da literatura brasileira na atualidade, pode-se concordar com Azevedo (2000), quando diz que outro problema é que, nas escolas, os alunos são divididos em faixas etárias, e apesar de essa separação funcionar bem em outros aspectos, para a literatura ela não é tão indicada. Não é possível dizer que um livro seja indicado para todas as crianças de dez anos, ou que seja indicado para as de oito anos. As indicações de livros estão mais intimamente ligadas às experiências vividas por cada uma, e, levando em consideração que a idade não está diretamente relacionada às experiências, torna-se difícil classificar livros por faixas etárias.

3. CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas são histórias difundidas desde a Antiguidade e têm comprovada influência e relevância na infância, também na contemporaneidade. Eles distinguem-se das demais histórias infantis por características como o uso de magia e encantamentos, um núcleo problemático existencial no qual o herói ou a heroína buscam sua realização pessoal e, finalmente, a existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis (Caldin, 2001; Oliveira, 2001; Radino, 2003; Turkel, 2002).

Para Bettelheim (1980), é característica dos contos a presença de um dilema existencial de forma sucinta e categórica. Cashdan (2000) afirma que o conto de fadas tem cinco etapas: a travessia, a viagem ao mundo mágico; o encontro com o personagem do mal ou o obstáculo a ser vencido; a dificuldade a ser superada; a conquista (destruição do mal); e a celebração da recompensa.

Hillesheim (2006) aponta que os contos desenham configurações de infância, preceituando falas, nas quais, culpa, irracionalidade e inocência, operam sobre a disciplina e o controle dos corpos infantis. Concomitante a isso, por operarem como um dispositivo artístico, possibilitam ruptura, transgressão e resistência, instaurando um estranhamento.

Zilberman (1998) diz que a literatura infantil contemporânea se ocupa de uma linha narrativa que retrata personagens que internalizam várias crises do mundo social. Tais modificações denotam, inclusive, uma modificação na noção de infância, configurando-se essa em uma imagem de criança crítica da contemporaneidade.

Nessa perspectiva, outros conteúdos citáveis, segundo Azevedo (2001), são certos temas e enredos tradicionais remanescentes, ao que tudo indica, de imemoriais narrativas de iniciação, e que poderiam, mesmo que precariamente, ser rotulados como a busca do autoconhecimento ou da identidade ou a luta do velho contra o novo e o uso livre de personificações e antropomorfizações, a possibilidade da metamorfose, as poções, adivinhas, instrumentos e palavras mágicas.

Ainda enunciando as características dos contos de fadas, têm-se histórias apresentando um caráter iniciativo, nas quais o herói enfrenta desafios e retorna modificado; imagens recorrentes como voos mágicos, monstros, oximoros, etc, e

final feliz. Esse recurso, presente em inúmeras narrativas populares, é considerado por muitos um índice de alienação. Na verdade, esse expediente, utópico por natureza, parece estar enraizado em certas concepções arcaicas como as que preconizam a renovação periódica do mundo. Por esse viés, tudo no mundo é fecundado, nasce, cresce, prospera, decai, apodrece, morre e renasce. Em outras palavras, tudo, no fim, acaba voltando à pureza original, portanto, no fim, tudo dá certo.

É exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável é parte intrínseca da existência humana, mas que, se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos, e ao fim emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 1985, p.6).

O surgimento dos contos de fadas perde-se no tempo. A literatura registra que são histórias transmitidas oralmente de geração a geração e que, mesmo com toda a tecnologia existente, mantêm seu espaço de destaque narrativo junto à infância. Já não se reservam apenas à função de distração ou de acalento ao sono das crianças, mas seu poder se expressa na magia e na fantasia que despertam nos pequenos. Tornam-se, assim, alvo do estudo científico de diversas ciências do conhecimento e do desenvolvimento infantil.

A literatura, não é unânime sobre a origem dos contos de fadas, mas aponta o início desse gênero literário por volta do século II a.C. Hisada (1998) citado em Schneider e Torossian (2009) aborda os escritos de Platão, nos quais mulheres mais velhas empregavam suas histórias recheadas de simbologia na educação de crianças. As autoras ainda citam Apuleio, filósofo do século 2 d.C., e seu romance O Asno de Ouro, que, em muito, lembra o conto A Bela e a Fera. Também no Egito, as autoras afirmam que, nos papiros dos irmãos Anúbis e Bata, foram encontrados registros de contos de fadas. As referidas autoras ainda relatam que os povos da Antiguidade conheciam o universo fantástico existente nos contos. Seu enredo é tramado por tecidos de refinadas matrizes do imaginário humano, cuja linguagem, repleta de significados simbólicos e de metáforas, tem a capacidade de interligar o consciente e o inconsciente.

No século XVI, de acordo com Coelho (1987), surgem Noites Prazerosas, de Straparola e O Conto dos Contos, de Basile. No fim desse e início do século XVII, o racionalismo clássico perdeu força e deu margem a uma literatura que exaltava a

fantasia, o imaginário. Nessa época destaca-se Mme. D'Aulnoy, com Contos de Fadas, Novos Contos de Fadas e Ilustres Fadas.

Somente na segunda metade do século XIX, a infância foi diretamente tematizada nos contos de fadas e as narrativas mais identificáveis historicamente. Os contos passaram a sofrer adaptações no sentido de contemplarem as necessidades das crianças, bem como de sua vida imaginária.

Essas histórias vêm encantando muitas gerações em diferentes países, e mesmo antes da escrita, eram responsáveis pela formação coletiva da cultura e espiritualidade de diversos povos. Os contos de fadas, porém, nem sempre foram escritos para crianças, uma vez que as histórias eram recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos.

Souza (2005) faz menção aos contos, descrevendo-os como histórias que narravam o destino dos homens, suas dificuldades, seus sentimentos, suas inter-relações e suas crenças no sobrenatural. Eram relatados por narradores profissionais, os quais herdavam essa função dos antepassados, ou como uma simples tradição transmitida de pessoa para pessoa. Geralmente, as narrações ocorriam em campos de lavouras, reuniões sociais, nas salas de fiar, casas de chá, nas aldeias ou nos demais espaços em que os adultos se reuniam. (Radino, 2003).

Na forma como atualmente são conhecidos, os contos de fadas surgiram na Europa, especialmente na França e na Alemanha, no final do século XVII e XVIII (Lubetsky, 1989). O momento histórico se configurava com a Inglaterra, que passava pela sua segunda Revolução Industrial e detinha o controle capitalista da época, e a Igreja, que atravessava a Contrarreforma. Os contos daquele período eram permeados pela moral vitoriana, de uma sociedade repressiva quanto às questões sexuais, considerando que os conceitos de infância e de educação também não eram vigentes naquela época.

No Brasil e em Portugal, os contos de fadas, como são conhecidos hoje, surgiram no final do século XIX, sob o nome de Contos da Carochinha. Somando, aproximadamente, sessenta e um contos populares, passaram a ser denominados contos de fadas somente no final do século XX. Radino (2003) aponta para o fato de o termo carochinha significar carocha ou bruxa, concedendo-lhes, dessa forma, uma conotação nociva de mentira.

Como destaque brasileiro na produção de contos de fadas, podemos citar as sofisticadas histórias de Monteiro Lobato, nas quais bonecas falam e sabugos de milho se transformam em geniais cientistas. É atribuída a esse autor a publicação de vinte e seis títulos direcionados ao público infantil, influenciando autores contemporâneos como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Radino (2003) enfatiza que, para Monteiro Lobato, o livro, a história ou mesmo os contos de fadas são vividos e experimentados pelas crianças como um agente transformador, auxiliando-as na construção de sua crítica, de sua criatividade e, sobretudo, de sua liberdade, pois, neles, elas aprendem brincando.

Não é possível negar que falar em contos de fadas hoje, tem significado para todos nós, quase que automaticamente, falar em crianças. Sem colocar em discussão suas diversas denominações, contos de encantamento, contos maravilhosos, fábulas ou simplesmente contos populares, como queria André Jolles (1976), importa lembrar sua notável influência em inúmeras obras da literatura infantil. Não poucos autores de livros para crianças e outros, utilizaram e continuam utilizando, como referência, vários aspectos temáticos e formais dos contos populares para desenvolver seu próprio trabalho. Vale lembrar, entre muitas outras, obras como Pinóquio (1985), Aventuras de Xisto (1973), História meio ao contrário (1986), Uma ideia toda azul (1979), Os pregadores do Rei João (1980), A Fada-Sempre-Viva e a Galinha-fada (1994) e Tampinha (1995), todas com evidentes vestígios das narrativas populares. (AZEVEDO, 2001.p. 4).

3.1 A importância dos contos de fadas na educação da criança

Apesar de a criança viver no mesmo mundo dos adultos, ela o pensa, sente e o vê de forma diferente. Segundo Costa e Baganha (1989), para a criança, o mundo - pessoas e coisas - não é reconhecido como algo fora dela. Reconhecer a exterioridade do mundo implica, para ela, reconhecer os próprios poderes e limites, e é nesse confronto que ela vai se construindo.

Bettelheim (1985) afirma que a vida intelectual de uma criança, através da história, dependeu de mitos, religiões, contos de fadas, alimentando a imaginação e estimulando a fantasia, como um importante agente socializador. A partir dos conteúdos dos mitos, lendas e fábulas, as crianças formam os conceitos de origens e desígnios do mundo e de seus padrões sociais.

Para Dieckmann (1986) citado por Schneider e Torossian (2009) os contos de fadas são mais do que histórias bonitas, partindo da ideia de que eles têm importância para a formação e configuração do mundo interior humano. As figuras e

feições, como também a ação do conto, são vividas não mais como acontecimento real do mundo exterior, mas como personificação de formações e evoluções interiores da mente. Esses símbolos são a melhor imagem que demonstra aquilo que se passa com o homem.

As imagens ou tipos representados pelos personagens nos contos de fadas, segundo Pavoni (1989), são a própria pessoa. E o mesmo acontece com as relações reais de uns com os outros: elas não são vistas como realmente são, mas sim pela imagem que se tem delas. Essa imagem é constituída através de experiências pessoais com o outro e também através da imagem do arquétipo de relação ou de posição projetada no outro. Na relação com alguém de maior autoridade, o comportamento é marcado ou alterado pelos arquétipos de autoridade inconsciente que a pessoa traz, podendo ser negativo ou positivo.

A criança, segundo Dieckmann (1986) citado em Schneider e Torossian (2009), por meio das figuras dos contos de fadas aprende a corresponder às exigências e necessidades dos outros e do ambiente, a se proteger e a combater as investidas contra sua própria personalidade. Aprende também a agir, resistir e superar forças como os adultos, assim como entender como eles são através da ideia que faz de si mesmos.

Os contos de fadas, segundo Bettelheim (1980), levam a criança a descobrir sua identidade e comunicação e sugerem experiências necessárias para desenvolverem ainda mais seu caráter. Eles contam à criança que, apesar dos infortúnios, ela poderá ter uma vida boa; isso se não se intimidar pelas batalhas que irá travar. Essas histórias prometem à criança que, se ela ousar se engajar nessa busca atemorizante, os poderes bons virão em sua ajuda, e ela os conseguirá. Elas advertem também que, quem não ousar encontrar sua verdadeira identidade, por receio ou insignificância, terá uma vida monótona, se algo ainda pior não lhes acontecer.

Nos contos de fadas, um personagem é bom e o outro é mau, esperto e tolo, lindo e feio, e por assim vai. Essa união de personagens opostos facilita o desenvolvimento da personalidade da criança. As ambiguidades presentes nas figuras reais, e todas as complexidades que as caracterizam, possibilitam que a criança estabeleça uma personalidade relativamente estável na base das identificações positivas. Depois disso, ela terá capacidade de compreender as

diferenças entre as pessoas, e fazer escolhas sobre quem quer ser. (Bettelheim, 1980).

Através dessa dualidade, os problemas de ordem moral são colocados e intimados a uma resolução.

Não é o fato de o malfeitor ser punido no final da estória (sic) que torna nossa imersão nos contos de fadas uma experiência em educação moral, embora isto também se dê. Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas estórias (sic) de fadas a pessoa má sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a esta identificação, a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela. (BETTELHEIM, 1980, p. 15).

Contudo, não se pode precisar qual, nem em que idade ou fase será importante para uma criança um conto em específico; só a criança poderá revelar ou determinar que conto queira ouvir, à medida que ele fale ao seu consciente.

Segundo Bettelheim (1980), o melhor a fazer é contar outra história, até que a resposta seja positiva e confirmada através do “conte outra vez”. Quando ela obtiver tudo que necessitava da história, ou quando seus problemas forem outros, ela poderá perder o prazer nesta e escolher outra, no que deverá ser atendida.

Porém, de acordo com Bettelheim (1980), mesmo sabendo o motivo do interesse do filho em determinado conto, os pais não devem revelá-lo. As experiências e reações mais importantes da criança são amplamente subconscientes e devem permanecer assim até que ela alcance uma idade e compreensão mais madura. Não se deve invadir o seu inconsciente e trazer à tona os pensamentos, de maneira consciente, que ela gostaria de conservar pré-consciente.

As crianças têm que encontrar formas, segundo Costa e Baganha (1989), de preencher o vazio que sentem pela ausência afetiva, que as fazem sentir medo. Um primeiro contato com o real deixa as crianças desiludidas. Ela percebe que o mundo e as pessoas não se compadecem com seus desejos, e elas então fazem uso da fabulação para preencher o vazio como o abandono, o medo, a desconfiança, a injustiça, a pequenez, a submissão, mas também a raiva, a rebeldia, a insubmissão, o desafio, o desejo de se afirmar.

De acordo com Bettelheim (1980), o conto de fadas guia a criança a entender e abandonar, em sua mente consciente e inconsciente, seus desejos de dependência infantil e obter uma existência mais independente, através da realização do herói, da experiência pelo mundo e do encontro com o outro.

Constata ainda que as crianças de hoje não se desenvolvem mais na segurança de um lar formado por grandes famílias e nem inseridas em grandes comunidades. Por isso, ressalta-se a importância das imagens de heróis solitários, confiantes interiormente, cujo destino convence a criança de que, apesar de se sentir rejeitada e abandonada pelo mundo, como herói ou heroína, ela será guiada e ajudada sempre que precisar, estabelecendo relações significativas e compensadoras com o mesmo.

Para Costa e Baganha (1989) a escola não só é responsável pela propagação e conhecimento, como pode subsidiar a formação pessoal de cada ser humano. Os contos podem ser um importante instrumento pedagógico, por ajudar no processo de simbolização, ao mesmo tempo em que alivia pressões inconscientes.

Para Saiani (2003), o importante é a escola libertar a criança de sua identidade com a família e torná-la consciente de si própria. Sem essa consciência, ela nunca saberá o que deseja de verdade, estando sempre dependente da família, procurando apenas imitar os outros.

Também segundo Saiani (2003), uma das funções da escola, como instituição, é contribuir para a gradual diferenciação do ego, com o objetivo de formar um indivíduo consciente. Os contos de fadas são um canal, entre o professor e a criança, no trabalho afetivo, ajudando-a a superar seus problemas interiores, possibilitando que o intelecto possa se desenvolver e trabalhar com o mínimo de interferências emocionais.

3.2 Aspectos positivos e negativos dos contos de fadas

Poderíamos considerar que, em uma sociedade que eliminou quase todos os ritos, os contos funcionam como espécie de rito de passagem antecipado. Isso é, não só auxiliam a criança a lidar com o presente, mas ainda a preparam para o que está por vir, a futura separação de seu mundo familiar e a entrada no universo dos adultos. (Chauí, 1984).

As figuras nos contos de fadas não são ambivalentes - não são boas e más ao mesmo tempo, como na realidade. Mas dado que a polarização domina a mente da criança, também domina os contos de fadas. Uma pessoa é ou boa ou má, sem meio termo, tola ou esperta, virtuosa e trabalhadora ou vil e preguiçosa. Uma é linda, as outras são feias. Um dos pais é todo bondade, o outro é malvado. A justaposição de personagens opostos não tem o propósito de frisar o comportamento correto, mas de permitir à criança compreender facilmente a diferença entre as duas, o que ela não poderia fazer tão prontamente se as figuras fossem retratadas com mais semelhança à vida, com todas as complexidades que caracterizam as pessoas reais. As ambiguidades devem esperar até que esteja estabelecida uma personalidade relativamente firme na base das identificações positivas. Então, a criança tem uma base para compreender que há grandes diferenças entre as pessoas e que, por conseguinte, uma pessoa tem que fazer opções sobre quem quer ser. Esta decisão básica sobre a qual todo o desenvolvimento da personalidade se construirá, é facilitada pelas polarizações dos contos de fadas. (BETTELHEIM, 1980).

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isso a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da história em resposta a pressões inconscientes. Com isso, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com esse conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, pois oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (Bettelheim, 2002).

Além disso, o mesmo autor ainda cita que as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo ou o errado, mas sobre quem desperta sua

simpatia e quem desperta sua antipatia. Quanto mais simples e direto é um bom personagem, tanto mais fácil para a criança identificar-se com ele e rejeitar o outro mau. A criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição do herói lhe traz um profundo apelo positivo. A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" e sim "Com quem quero parecer?". A criança decide isso projetando-se calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também.

Em contrapartida, os contos de fadas amorais, aqueles que não possuem moral da história, não mostram polarização ou justaposição de pessoas boas e más; por isso as histórias amorais servem a um propósito inteiramente outro. Tais contos ou figuras típicas como o Gato de Botas, que arranja o sucesso do herói através da trapaça, e João, de João e o Pé de Feijão, que rouba o tesouro do gigante, constroem o personagem não pela promoção de escolhas entre o bem e o mal, mas dando à criança a esperança de que mesmo o mais medíocre pode ter sucesso na vida. Afinal, qual a utilidade de escolher tornar-se uma boa pessoa quando se sente tão insignificante que teme nunca conseguir chegar a ser alguma coisa? A moralidade não é a saída nestes contos, mas antes a certeza de que uma pessoa pode ter sucesso. Enfrentar a vida com uma crença na possibilidade de dominar as dificuldades ou com a expectativa de derrota constitui também um problema existencial muito importante.

De acordo com Bettelheim (2002) os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; os contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de história dentro de uma compreensão infantil. Como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam.

Segundo o mesmo autor, a vida é frequentemente desconcertante para a criança, por esse motivo ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para ser bem sucedida nesse aspecto, a criança deve receber ajuda para que possa dar algum sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre a forma de

colocar ordem na sua casa interior e, com base nisso, ser capaz de criar ordem na sua vida. Necessita de uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-a às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto, e, portanto significativo.

O estudo dos contos tradicionais, essas narrativas dirigidas a todas as pessoas, independentemente de faixas etárias, demonstra que os mesmos representam verdadeiro depósito do imaginário, das tradições e da visão de mundo oriundos de certo “espírito popular”, estando enraizados em antiquíssimas narrativas míticas. Além disso, sobreviveram ao longo dos séculos através da transmissão oral feita por contadores de histórias, jograis e menestrelis, estes, invariavelmente, recorriam a um discurso conciso, a uma linguagem marcada pela expressão oral, fórmulas verbais pré-fabricadas, ditados, frases feitas e um vocabulário popular e acessível, tendo em vista a comunicação clara e direta com a plateia, num tempo, nunca é demais frisar, em que a vida comunitária e coletiva era intensa (em oposição à vida privada e dos interesses individuais). (AZEVEDO, 2001. p. 10).

No plano do conteúdo, muitos pontos de contato unem os contos populares à literatura infantil, como por exemplo, a recorrência do elemento cômico. O riso, o deboche, a alegria e o escárnio como revide aos paradoxos contrapostos pela existência, o uso singularmente livre da fantasia e da ficção, muitas vezes como forma de verificação ou experimentação da verdade. Sendo os dois primeiros itens, para Bakhtin (1981), índices das mais arcaicas tradições populares e personagens movidos muito mais por seus próprios interesses, pelo livre arbítrio, pela aproximação afetiva, pelo senso comum, pelos sentidos, pela empatia, pela visão subjetiva, pela busca da felicidade do que por uma ética geral, pré-estabelecida, racional, abstrata, uniforme, objetiva, imparcial e impessoal, que pretende determinar, a priori, o certo e o errado. Na literatura infantil, a moral ingênua reaparece regendo personagens que vão de Emília, de Lobato e Raquel, personagem do livro *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga ao Menino Maluquinho, de Ziraldo, parentes, sem dúvida, dos também transgressores e inesperados Juca e Chico, Pinóquio, Alice e Peter Pan.

Segundo Azevedo (2001), que elegeu especialmente os contos de fada e suas relações benéficas para o desenvolvimento psíquico da criança como objeto de seus estudos, a maioria das histórias tem seu enredo desenvolvido baseando-se na equação: estabilidade + problema + solução = estabilidade e trabalha assim uma série de ansiedades da criança. Especialmente os contos de fada que tratam de assuntos existenciais, como morte de progenitores, perigos, o mal e o bem, etc. Eles

colocam dilemas existenciais de forma simples e categórica, o que possibilita à criança a experiência do problema de forma mais essencial e o trabalho de suas angústias com mais nitidez. Ele ainda coloca que

[...] aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fada transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, os contos de fadas falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam as pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las que estão de acordo com as requisições do ego e do superego. (AZEVEDO, 2001, p. 3).

Bettelheim (2002) analisou os contos de fadas quanto à sua importância para o desenvolvimento psicológico das crianças e escolheu alguns contos para ilustrar suas ideias. Ele diz que esses contos (referindo-se especificamente aos contos de Perrault, como Chapeuzinho Vermelho, Pequeno Polegar, Gato de Botas, A Bela Adormecida e Cinderela), introduziram a criança num universo encantado cuja admirável magia as permitiu dar impulso à imaginação cada vez que as dificuldades da vida real ameaçavam abatê-las, o que era frequentemente o caso. Ainda segundo o autor, as esperanças, mantidas pelos contos de fadas, permitiam superar corajosamente as adversidades, fossem elas reais ou imaginárias. Ele diz que se as crianças tivessem ficado por conta própria, os sonhos seriam limitados por imagens de cólera e vingança, por satisfações que teriam sido limitadas ao campo muito restrito da experiência. Os contos de fadas, graças à sua imensa variedade de acontecimentos e situações, graças às suas ricas descrições de prazeres, permitiram às crianças tecerem, à sua imagem, fantasias otimistas que as arrancavam de um mundo no qual estariam bem mais descontentes de habitar.

Para o autor, todos necessitam do reconforto proporcionado pela imaginação para que possam viver o mundo das realidades quotidianas, as quais, sem a contribuição dos sonhos noturnos e diurnos pareceriam talvez muito penosas para serem suportadas. Mas essa realidade é suportada porque se espera a chegada de dias mais favoráveis. São essas esperanças que os contos de fadas incitam na criança, num período de sua vida no qual ela não pode vislumbrar ainda a confiança de que seus esforços valerão a pena para a realização de seus anseios mais caros, de seus desejos mais ardentes. Refere-se ainda ao valor dos contos para o adulto que os conta às crianças. Para ele, essas histórias ou aquilo que se retém delas, faz

com que as crianças vivam intensamente não somente as alegrias, mas também os medos de infância. (SOUZA, 2005).

Bettelheim (1985) diz que os contos são também tão modernos quanto outros gêneros literários, pois se continua a criá-los hoje, como se fazia desde o início da história da humanidade.

Outro ponto é que o conto favorece a introspecção, afirma Caldin (2004),

Por intermédio dele, a criança tem a possibilidade de pensar sobre seus sentimentos e tem a esperança de que o sofrimento que a acomete venha a ser passageiro. A introspecção, pela literatura, atrai as emoções do ouvinte ou do leitor e tem a capacidade de liberá-las. O autor faz menção especial à criança frágil e ou mesmo doente, pois essa se preocupa em demasia consigo mesma e, portanto, aprecia os textos que falam de seus problemas. A universalização dos problemas é uma garantia de que ela não se encontra sozinha na sua dor. Considera-se que a leitura ou a narração da história produz reflexões, mesmo quando a criança se encontra sozinha no seu quarto, de dia ou à noite; ao se lembrar da história, pode sentir-se mais reconfortada. Os contos são fonte de prazer para as crianças tanto pelo ouvir quanto pela sua representação. Prazer produz alegria, e alegria é terapêutica. (CALDIN 2004, p. 17).

O autor continua sua reflexão, dizendo que o discurso literário abre perspectivas para a percepção do mundo do ponto de vista da infância, traduzindo suas emoções, seus sentimentos, suas condições existenciais em linguagem simbólica que efetue a purificação, a limpeza e promova um ensaio geral da vida. Favorecem a socialização pela participação em grupo, e sabe-se que o convívio social mostra-se importante instrumento na cura de doenças. Há que se salientar que, ao conciliar literatura e terapia, o narrador, após a história, deve incentivar a criança a trocar ideias e a realizar um exercício de reflexão entre o real e o imaginário.

Monaci (1990) apud Schneider e Torossian (2009) afirma a importância da narração de contos e histórias não só num sentido terapêutico, mas para a estimulação do repertório de soluções adaptativas de conflitos, de entendimento de sentimentos, de motivações, de solidariedade, de confiança, de transmissão de valores, da busca do autoconceito, na tentativa de estabelecer um significado de vida. Para criação e incentivo da imaginação, da busca do entendimento, do inconsciente, no auxílio do encontro da criança dentro do adulto. Ou, então, para o desenvolvimento e compreensão da linguagem oral, escrita e gestual da leitura, das influências que o contador de histórias recebe e transmite.

As supracitadas autoras citando Cyrulnik (2005)

O encantamento das crianças com narrações dos contos de fadas ocorre por oferecerem uma bela passagem, uma oportunidade de felicidade, um aliciamento afetivo no qual aquele que narra faz um convite para que as aventuras verbais sejam compartilhadas com aqueles que as escutam. Ao falar da mágica viagem do “era uma vez”, Cyrulnik antecipa que as crianças feridas emocionalmente encontram certa dificuldade para embarcar nessa aventura, uma vez que compartilhar uma história de infelicidades é sofrer uma segunda vez. Assinala que a narração oferece uma proteção ao psiquismo da criança, um reviver sua história por meio do faz de conta. Os contos podem ser usados, de forma terapêutica, como mediadores entre o mundo interno e a realidade externa da criança, como dispositivos de contenção de seus aspectos psíquicos, sendo, ainda, uma possibilidade de intervenção em seu processo de desenvolvimento. Dessa forma, a criança não necessitará refugiar-se em uma organização defensiva patológica, ou mesmo desenvolver um sintoma por meio do qual o corpo siga sofrendo em lugar da mente. (SCHNEIDER & TOROSSIAN, 2009, p. 6).

Esse fato é reforçado por Ferreira (1991), que enfatiza o uso dos contos como dispositivos terapêuticos com pacientes em internação hospitalar, pois se mostram histórias imbuídas de afetos e mistérios, objetivando a totalidade psíquica. O exercício de ouvir, dialogar a respeito de uma ideia, de um sentimento, e dar expressão às imagens por intermédio de traços de desenhos é, sem dúvida, um precioso meio de reordenação e transformação, favorecendo a evolução do paciente. Fortalecida, a pessoa terá por consequência sua capacidade de socialização ampliada.

Costa (2002) ainda descreve o uso dos contos de fadas como recurso terapêutico na intervenção de crianças com câncer, pelo fato de essas histórias falarem de dificuldades humanas e tornarem mais fácil a expressão das suas angústias.

Hisada (1998) citado por Schneider e Torossian (2009) defende o uso dos contos de fadas como dispositivos de intervenção, não somente com crianças, mas também com adultos. Salienta que o uso de histórias na psicoterapia pode ser considerado uma interpretação transicional. Pacientes fazem uso das histórias como instrumento para comunicar algo. Os contos ou histórias operam como um recurso para diminuir a angústia persecutória, principalmente dos adultos, proporcionando uma maior aproximação de suas próprias dificuldades, justamente porque as histórias fazem reviver aspectos mais primitivos a partir de um contexto lúdico, beneficiando aqueles adultos que não tiveram a grata experiência com o lúdico e com o brincar e, por consequência, apresentam falhas em seu desenvolvimento. Ele

ainda questiona a aplicabilidade desse recurso com pacientes que apresentem falhas em seu processo de simbolização.

Gutfreind (2003), ao experienciar a proposta do atelier de contos, inspira-se no trabalho de renomados estudiosos franceses, como Marie Bonnafé (1944), em seu trabalho com bebês e famílias marginalizadas, e em Pierre Laffourge (1955), que usa os contos como possibilidade de intervenção com crianças autistas. O autor evidenciou melhoras nos transtornos de conduta apresentados pelas crianças francesas após frequentarem o atelier de contos. Demonstraram evolução significativa no seu modo de expressão, permitindo-se denunciar o sofrimento decorrente como, por exemplo, da separação de seus pais. O autor faz menção a outro estudo desenvolvido na cidade de Porto Alegre, com crianças que apresentam transtornos de aprendizagem em escolas comunitárias. Situa os primeiros resultados como positivos, pois apontam como as crianças se tornaram mais atentas, menos hiperativas e mais abertas aos processos de aprendizagem.

Ele conclui que ao abordar a função do conto como um estímulo à vida imaginária e à capacidade de simbolização, também o enfoca como um estímulo pertinente à função do pensar. Focaliza a capacidade de continência desempenhada pelo conto, conforme organiza os arcaísmos da criança, dando-lhes um sentido e instigando sua capacidade de pensamento. “O potencial terapêutico de contar histórias é hoje incontestável.” (Gutfreind, 2004, p. 25).

4 METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo central refletir sobre a importância dos contos de fadas na educação infantil. O estudo tem o enfoque de uma pesquisa bibliográfica e o intuito de verificar as influências de uma história na vida de uma criança.

Para realizar esta pesquisa, apoiar-se-á nas pesquisas realizadas pelos especialistas Bettelheim (2002), Azevedo (2001), Zilberman (1998), Fanny Abramovich (2008), entre outros.

Para Cervo e Bervian (2007) a pesquisa bibliográfica visa,

(...) explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva de experimental. Em ambos os casos, busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema. (CERVO, BERVIAN. 2007, p. 60).

Os questionamentos que norteiam este estudo deverão ser analisados a partir das fontes consultadas.

Através do levantamento bibliográfico realizado, o foco principal será aprofundar os conhecimentos em prol da contribuição dos contos de fadas na formação de crianças da educação infantil.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, v.3, p. 143), “a leitura de histórias é um instrumento para que a criança possa conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar temas tão amplos num espaço tão exíguo se teve, nem de longe, a pretensão de ser conclusivo. Este trabalho dedicou-se através de uma abordagem de referencial teórico, buscar as principais fontes sobre a origem e o desenvolvimento da literatura infantil ao longo dos anos.

Fica claro, porém, no que diz respeito ao estudo da literatura infantil, a necessidade de se discutir mais profundamente alguns pontos como a oposição entre uma literatura infantil necessariamente utilitária, ligada à lição e à intenção didática e outra necessariamente poética, literária e não utilitária, ligada à ficção, à intenção estética e à especulação existencial; a oposição entre a existência de um universo infantil e outro compartilhado, basicamente por crianças e adultos; e ainda e a identificação das raízes da literatura infantil com o surgimento da escola burguesa em oposição aos elos existentes entre a literatura infantil e os contos maravilhosos, portanto, à cultura popular.

Nota-se uma grande influência do mercado consumidor na produção literária, bem como uma falta de delineamento entre a didática, a poética e a fictícia. Percebe-se a necessidade de uma subcategorização da literatura infantil e de um distanciamento entre o mercado consumidor e autores das obras, afinal, as obras infantis poéticas, didáticas e fictícias devem encantar, divertir, emocionar, dar bons exemplos de moral, e não simplesmente servirem como mercadorias.

Focou-se também nos contos de fadas em geral, que tão pouco aparecem na literatura, que nem mesmo chega-se a uma conclusão sobre a denominação correta dos mesmos. Nota-se a importância desses no desenvolvimento emocional da criança, podendo ser, nesse aspecto, positivo ou negativo. Viu-se também que há diferentes tipos de contos de fadas. Há aqueles em que o príncipe encantado faz com que todos os problemas sejam resolvidos, aqueles em que até a mais insignificante das criaturas consegue grandes feitos, e isso gera respostas no desenvolvimento das crianças que a eles tem acesso.

Dessa forma percebe-se a importância da família e da escola junto às crianças para que se possa guiar e selecionar as leituras que essas crianças terão acesso e, o mais importante, em que fase da vida delas isso ocorrerá.

Conclui-se, portanto, a necessidade de estudos mais profundos sobre a literatura infantil, a ligação entre a literatura e a educação das crianças e, como observação principal, o estudo sobre os contos em diversas áreas do conhecimento.

Algumas estratégias de incentivo devem ser adotadas pela sociedade, a favor da evolução da aprendizagem das crianças, pelo governo, perante a questão de investimento de fundos para educação e valorização dos educadores, e também pela família. A escola ainda continua a ser o melhor local para se formar leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje**. In: Palestra feita no I Salão do Livro - Encontro Internacional de Literaturas em Língua Portuguesa das Secretarias de Cultura do Município e do Estado de Minas Gerais Belo Horizonte - 15 de Agosto de 2000.

AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares**. In Presença Pedagógica - Belo Horizonte - Editora Dimensão - Nº 27 - mai/ jun 1999 e em Cadernos de Aplicação. Volume 14 Número ½. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jan/Fev. 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense, 1981.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Ed. 16. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRITTO, Lidiane Campos. **A Comunicação e o mercado editorial infantil brasileiro na década de 1990**. 2007. 73 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.phpCodArquivo=760>. Acesso em: 30 ago. 2015.

CALDIN, C. F. A aplicabilidade de textos literários para crianças. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 18, 72-89, 2001.

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes 3**. Ed.– São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CASHDAN, Sheldon. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Contos de fadas e psicanálise**. Ed. Brasiliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987..

COSTA, Isabel Alves. BAGANHA, Filipa. **Lutar Para Dar Um Sentido À Vida: Os contos de fadas na educação de infância**. Portugal, Edições Asa, 1989.

FERREIRA, M. P. Contos de fada como atividade terapêutica. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 40 (4), 1991.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

- GUTFREIND, C. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- GUTFREIND, C. Contos e desenvolvimento psíquico. **Viver Mente & Cérebro**, 142, 24-29. 2004.
- HILLESHEIM, B. Contos de fadas e infância(s). **Educação e Realidade**, 3 (1), 107-126. 2006.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. **A literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Global. 1984.
- MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Discurso sobre a história da literatura do Brasil. **Revista de Estudos Comparativistas Lusófonos da UTFPR**. Pato Branco. 2014.
- MESQUITA, Arlindo. **Como formar jovens leitores. Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, ano XII, v. 13, n. 14, p. 15-30, jan./dez. 2006.
- MONACI, E. M. Mitos, contos, lendas e fábulas: fantasia versus realidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia**, 2 (2), 42-54. 1990.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Leitura crítica da literatura infantil**. Itinerários, Araraquara, 2001.
- OLIVEIRA, F. O. Contos de fada. **Revista de Psicologia Plural**, (5), 13-16. 2001.
- PAVONI, Amarílis. **Os contos e os mitos no ensino: uma abordagem junguiana**. São Paulo: EPU, 1989.
- PERUZZO, Adreana. A importância da literatura infantil na formação de leitores. In Anais do **XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.
- RADINO, G. Oralidade, um estado de escritura. **Psicologia em Estudo**, 6 (2), 73-79. 2003.
- RIBEIRO, JM. **Literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- SAIANI, Cláudio. **Jung e a Educação: uma análise da relação professor/ aluno**. São Paulo: Editoras Escrituras, 2003.
- SCHNEIDER, Ref; TOROSSIAN, S.D.. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cãnone, 2009
- SOUZA, M. T. C. C. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. **Boletim de Psicologia**, 55 (123), 1-22. 2005.
- TURCHI, Maria Zaira. Tendências atuais da literatura infantil brasileira. IN: **Biblioteca escolar: uma ponte para o conhecimento**. Goiás. 2009.

TURKEL, A. R. From victim to heroine: children's stories revisited. **Journal American Academy of Psychoanalysis**, 30 (1), 71-81. 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10 ed. Editora Global, São Paulo, 1998.